

Estratégias Interdisciplinares de Ensino da Leitura

Laudeci Medeiros Mindelo¹; José Antonio Torres Gonzalez²

Resumo: O ensino tem que ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças e que tenha significado para elas na vida toda. Neste sentido, o papel do professor como mediador e do outra como forma de interação são considerados primordiais. Este artigo discute as estratégias interdisciplinares de ensino da leitura. Concluiu-se que o ensino da leitura através das estratégias interdisciplinares, motivará e oportunizará melhores desempenhos futuros aos alunos e ao processo ensino-aprendizagem como um todo.

Palavras-chave: Estratégias interdisciplinares. Ensino da leitura. Motivação.

Interdisciplinary strategies of reading teaching

Abstract: Teaching must be organized so that reading and writing becomes necessary for children and having meaning to them in all life. In this sense, the role of the teacher as the mediator and the other as a form of interaction are considered primordial. This article discusses the interdisciplinary strategies of reading teaching. It was concluded that teaching reading through interdisciplinary strategies, motivate and will opportunize better future performances to students and teaching-learning process as a whole.

Keywords: Interdisciplinary strategies. Reading teaching. Motivation.

Introdução

No processo de aprendizagem da língua escrita, o trabalho com objetos significativos para o aluno, com certeza, contribui muito para o desenvolvimento da alfabetização. Sendo assim, quando o aluno percebe que portadores de textos estão ligados a assuntos do seu cotidiano, seu interesse é estimulado, pois entende que a língua escrita tem significado na sua realidade imediata.

Independentemente do método adotado, o professor deve cuidar para oferecer um ambiente propício aos interesses e necessidades do aluno para que ocorra a aprendizagem. Os atos de brincar, dramatizar, simbolizar são valiosos para o desenvolvimento da alfabetização e devem ser desenvolvidos desde o ensino infantil.

¹ Doutorado em Ciência da Educação pela Universidade Autónoma de Asunción;

² Doutorado em Educación Especial pelo Universidad Nacional de Educación a Distancia, Espanha.

A criança que tem liberdade para brincar, dramatizar, se expressar, com certeza terá um desenvolvimento mais saudável.

Portanto, o processo de aprendizagem da língua escrita, não se constitui numa trajetória linear e previsível que as crianças inevitavelmente irão passar. Tanto involuções quanto evoluções fazem parte do desenvolvimento da linguagem escrita de cada um. Para Vygotsky (1998), os gestos têm o significado de uma escrita no ar. É uma maneira de simbolizar atos, ações, sentimentos e objetos dentro do imaginário. “O gesto é o signo visual inicial que contém a futura escrita da criança, assim como uma semente contém um carvalho.” (Vygotsky, 1998 p. 141). As atividades de dramatização desenvolvidas durante o período pré-escolar são treinamentos para a atividade de escrita, uma vez que os gestos se constituem em escrita, uma escrita feita no ar e, os signos escritos são simples gestos que foram fixados.

Segundo Vygotsky (1998), quando as crianças desenham objetos complexos, elas o fazem a partir das suas qualidades gerais e não pelas partes componentes. A maneira global como as crianças realizam seus rabiscos e desenhos podem estar nos indicando os maneiras como entendem a representação da língua escrita.

Práticas de Leitura e Escrita

O ensino da língua escrita pode partir da pré-escola, conforme propõe Vygotsky (1998), pois crianças mais novas são capazes de descobrir a função simbólica da escrita, entre 3 e 6 anos de idade as crianças que têm domínio de signos arbitrários e progresso na atenção e na memória. O ensino tem que ser organizado de forma que a leitura e a escrita se tornem necessárias às crianças e que tenha significado para elas na vida toda.

Neste sentido, o papel do professor como mediador e do outra como forma de interação são considerados primordiais por Vygotsky. O que propomos é “ensinar às crianças a linguagem escrita, e não apenas a escrita das letras”. (VYGOTSKY, 1998 p.157). Que a aprendizagem seja uma descoberta durante as situações de brinquedo e que aprendam a ler e a escrever da mesma maneira que aprenderam a falar.

Ensino da Leitura e Escrita

Segundo Carvalho (2002), a aprendizagem da leitura se torna mais eficiente quando os leitores trazem o conhecimento a respeito das convenções características tipo de estrutura do texto cuja leitura vai iniciar em conexão com outras atividades como é o caso da atividade esportiva.

Sendo assim, a diversidade de textos apresentados aos alunos traz convenções nem sempre tão claras para leitores iniciantes. É por isso que trabalhar desde cedo com os alunos a convenção da linguagem escrita pode ajudar a formar bons leitores e conseqüentemente bons escritores.

Neste sentido, e através do contato precoce com a literatura infantil e de experiências agradáveis no período de alfabetização pode trazer resultados satisfatórios aos alunos por toda a sua vida acadêmica.

Aprender a ler como se a leitura fosse um ato mecânico, separado da compreensão, é um desastre que acontece todos os dias. Estudar palavras soltas, sílabas isoladas, ler textos idiotas e repetir sem fim exercícios de cópia, resulta em desinteresse e rejeição em relação à escrita. (CARVALHO, 2002 p.25).

No entanto, ao entrarem na escola, os alunos já trazem consigo uma bagagem de conhecimentos. Com certeza já puderam visualizar muitas coisas escritas como cartazes, placas, faixas, jornais, revistas, embalagens etc, e provavelmente, entendem que a escrita tem significado eficazes, embora ainda não a compreendam por total.

Segundo Carvalho (2002, p.32), conforme:

A classe social da pessoa, as experiências com a leitura e a escrita poderão variar. Em certas famílias, a leitura e a escrita fazem parte da vida cotidiana, em outras de classe sociais menos favorecidas, os atos de leitura e de escrita são raros ou mesmo inexistentes, seja porque as pessoas não aprenderam a ler, seja porque suas condições de vida e de trabalho não exigem o uso da língua escrita.

Nestas condições, que as atividades motivacionais das pessoas são diferentes e a escola se engana quando supõe que a leitura e a escrita têm o mesmo sentido para todos. Assim, as pesquisas de autores contemporâneos acreditam que se a alfabetização for conduzida de forma a demonstrar que a leitura e a escrita têm função aqui e agora, e não apenas num futuro distante, incerto e imprevisível, o indivíduo poderá ter maior motivação para o esforço que a aprendizagem exige.

Portanto, o estímulo de despertar o aluno para a compreensão da representação da fala através da língua escrita, serve de alicerce para o desenvolvimento de uma alfabetização significativa para os alunos assim, motivando o mesmo a interessa-se por outras atividades no contexto escolar. Neste sentido, proporcionamos atividades alternativas que visem dar prazer como as novas estratégias interdisciplinares de ensino, que propomos na referida pesquisa.

Compreensões da Língua Escrita

Verifica-se que, o professor poderá levar os alunos a descobrirem um mundo cheio de coisas escritas, onde muitas dessas coisas escritas eles já conhecem. Num passeio pela escola, por exemplo, os alunos poderão tentar ler o que está escrito em placas, cartazes, o nome da escola na fachada, avisos, número das salas e do prédio da escola.

No lado de fora da escola, o professor poderá pedir aos alunos que observem alguma coisa escrita e depois questiona-los sobre o que estava escrito, se eram letras ou números, onde estavam escritos, se são capazes de imaginar o sentido das palavras escritas encontradas na rua. Levar aos alunos alguns problemas: “o que pode estar escrito na frente do ônibus? E numa lata de óleo de cozinha?” Também podem servir de incentivo a leitura.

Com a ajuda dos alunos, exemplos poderão ser buscados na escrita de placas de ruas e praças, letreiros de ônibus e praças, placas de veículos, rótulos de uso comum, incluindo alimentos, produtos de limpeza e remédios, frases de pára – choques de caminhões, cartazes de publicidade etc. Os alunos também poderão trazer de casa, coisas diferentes para serem trabalhadas em sala de aula: rótulos, embalagens, latas vazias, jornais velhos. Colocando o material a vista de todos, facilitará a observação e comparação dos produtos que trouxeram.

Neste sentido, os comentários dos alunos são úteis. As perguntas exploratórias a respeito do material (o que será que está escrito aqui? Alguém conhece este rótulo ou este produto?) poderão ser trabalhadas. Estas atividades sugeridas exploram os conhecimentos que os alunos já traziam antes de entrar para a escola e irá ajudá-los a analisar os diversos usos da escrita no dia-a-dia. Os alunos estarão descobrindo que letras e números são diferentes e que existe uma grande variedade de letras (cursiva, de imprensa, maiúsculas e minúsculas).

Estímulo á Leitura e Escrita.

Levar ao alcance dos alunos diferentes portadores de texto pode ser uma forma de incentivar a leitura e a escrita na fase de alfabetização. Cartas, listas, histórias, poesias, bilhetes, etc, poderão mostrar aos alunos a amplitude do mundo letrado e despertará a curiosidade para explorar cada vez mais este mundo.

Neste sentido, o trabalho com contas de água, luz e telefone, dinheiro (notas e moedas) e cheques ou documentos pessoais como carteira de trabalho, de identidade, título de eleitor também é um ótimo suporte para que o aluno saiba a utilidade da escrita e da leitura, pois são instrumentos utilizados no dia-a-dia das pessoas próximas e nas brincadeiras de faz-de-conta das próprias crianças.

Ainda, as atividades com os portadores de textos dirigem a atenção da turma para aspectos formais da escrita, ao mesmo tempo em que ampliam as noções dos alunos sobre os diversos usos da leitura. Aspectos formais deverão ser analisados nesses objetos, tais como a escrita dos textos é escritos à mão, à máquina ou impressos? Que tipo de letras aparece; os textos são, ou não, entremeados com figuras, fotos, ilustrações (reconhecer o que é figura e o que é escrita); Os textos contêm letras e números, ou apenas letras?

Segundo Carvalho (2002), “Trabalhar com o nome dos alunos é muito importante porque toda criança atribui estima especial ao próprio nome e se interessa por aprendê-lo e aqueles que já sabem “desenhar” a assinatura descobrem coisas novas observando a escrita dos nomes dos colegas”.

O ideal seria que o professor desenvolvesse o projeto pedagógico, que trabalhe a escrita do nome como suporte para a alfabetização, que envolva atividades lúdicas, de escrita e leitura, bem organizadas e esquematizadas para que os alunos comecem a fazer as algumas comparações como: existem nomes com poucas e com muitas letras; existem nomes que começam ou que acabam com a mesma letra; os nomes mais extensos nem sempre são aqueles das pessoas mais altas; o tamanho das pessoas não tem relação com o tamanho de seu nome; os nomes dos alunos da turma podem ser classificados em vários grupos ou conjuntos: nomes que iniciem com a mesma letra, nomes que terminem com a mesma letra, nomes iguais, nomes que contém o mesmo número de letras.

Conceito de Leitura

Saber ler e escrever são uma das aptidões mais sugeridas do ser humano na sociedade. Desde criança por incentivo de nossos pais, aprendemos que ler e escrever são atividades não apenas importantes, como necessárias. Essa concepção acaba sendo reforçada pela sociedade como um todo durante toda a nossa existência.

Portanto, a quantidade de informação veiculada na sociedade, além da diversidade com que são apresentadas ao público, exige indivíduo com a capacidade que vá além de simplesmente captar, codificar e decodificar informações.

Desse modo, percebemos que não são todas as pessoas capazes de realizar o ato de ler e escrever. Desde os primeiros vestígios de escrita nas antigas civilizações, podemos constatar que o domínio da leitura da escrita não era privilégio de todos. Tomando como exemplo as civilizações gregas e romanas, verificamos que na cultura desses povos o domínio dessas habilidades era geralmente ligado ao poder, pois já pregava que elas proporcionavam educação, formação intelectual além do desenvolvimento psíquico e espiritual do indivíduo e, por isto, diferenciavam as pessoas e determinavam as classes sociais.

Martins (1994 p. 22) coloca que:

Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas: possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à dos senhores, dos homens livres.

Mas afinal de contas o que é leitura? Na opinião de Ferreira (2002), ler em definições gerais é decifrar e interpretar o sentido de algo e a leitura nada mais são do que a arte ou o hábito de ler. Embora a definição pareça simples, as concepções e o processo de aquisição da leitura vão mais além, até mesmo porque quando falamos em interpretar o sentido de algo, damos margem à interpretação de qualquer coisa, um texto escrito, uma imagem, um símbolo, etc.

O que na verdade amplia a visão arraigada de sempre relacionar leitura e texto escrito. Como explica Martins (1994 p. 22): *“Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural.”*

De fato ao lermos, entramos em contato com a informação.

É um processo que inicia a fantasia a qual leva o leitor á imaginar as informações ali descritas, desencadeando todo um processo psico-sensorial que viabilizará a experiência do leitor com aquilo que ele está lendo, seja um clássico da literatura mundial ou uma fotonovela da banca de jornal. Encontramos posicionamento semelhante em (LEFFA, 1996 p. 14):

No entanto, a qualidade do ato da leitura não é medida pela qualidade intrínseca do texto, mas pela qualidade da reação do leitor. A riqueza da leitura não está necessariamente nas grandes obras clássicas, mas na experiência do leitor ao processar o texto. O significado não está na mensagem do texto, mas na série de acontecimentos que o texto desencadeia na mente do leitor.

Portanto, sabemos a importância da leitura e de seu papel na vida do indivíduo significa compreendermos que a leitura proporciona um conhecimento de mundo mais crítico, pela viabilização do conhecimento de outras culturas, além de possibilitar saber sobre grandes pensadores, a história de um país ou uma nação já extinta.

Enfim, todo um leque de coisas que o pensamento por si só não pode armazenar é que só o livro pode conter, pois as palavras expressas não podem ser esquecidas facilmente. Nesse caso, o livro ou texto poderia vir a ser comparado a uma “mina de conhecimento”, onde o leitor seria então como minerador à busca de algo muito valioso.

Leffa (1996 p. 13)

Se o texto for rico, o leitor se enriquecera com ele, aumentará seu conhecimento de tudo porque o texto é o mundo. Se o texto for pobre, mina sem ouro, o leitor perderá seu tempo, porque não há nada para extrair. O leitor minerador tem, no entanto muito a ganhar, porque há uma riqueza incalculável nos livros. Tudo o que de melhor produziu o pensamento humano está registrado na permanência da palavra escrita.

Neste contexto, e a escrita o que vem a ser? Como podemos defini-la? Qual sua importância para o indivíduo?

Podemos conceituar a escrita como uma forma legítima de autoria do discurso que além de registrar a fala apresenta ideias, conceitos e concepções de mundo e de vida que traduzem as representações que os sujeitos fazem seu cotidiano.

Nesta visão embora a leitura e a escrita sejam processos diferenciados, estão interligados e correm simultaneamente. Embora os processos de aquisição da leitura e da escrita andem juntos, no cotidiano social escolar, existem pessoas e alunos que só escrevem e

não lêem o que produziram; há outras que podem ler, mas não conseguem escrever ou interpretar o que lêem. Entre estes, há ainda, os que sabem escrever, porem, sentem vergonha de suas produções. É comum alguns destes alunos afirmarem que apresentam dificuldades para escrever, que não sabem usar corretamente os pontos e sinais gráficos.

Brasil (1999, p. 16) alerta.

Muitas vezes este tipo de dificuldade com relação aos processos de aprendizagem da escrita é consequência de mal sucedidas experiências anteriores. Por isso investir na mudança de postura do aluno. Diante de suas dificuldades, fazendo-o incorporar o trabalho da escrita com suas necessidades mais urgentes...

Assim, vivemos hoje em uma sociedade letrada, na qual os indivíduos que não reconhecem os códigos da linguagem escrita são inevitavelmente, marginalizados na dinâmica das reações sociais. Se por um lado, os jovens e adultos analfabetos são capazes de realizar qualquer tarefa, como, por exemplos, e as compras sem necessidade de ajuda de uma pessoa para ler o nome de um produto; por outro lado, esses jovens ou adultos analfabetos são incapazes de desempenhar certas atividades práticas como escrever a lista das compras, preencherem um formulário ou escrever uma carta, tarefa que exigem primordialmente o domínio da escrita.

Todavia, percebemos que em muitos casos algumas pessoas não despertaram para a importância e a contribuição que a leitura e a escrita podem proporcionar para seu crescimento moral e intelectual.

Por isso, ainda acreditam que elas se limitam somente à escola, a sala de aula, na leitura de livros didáticos ou paradidáticos e na escrita de redações, cópias de frases, muitas vezes desprovidas de significações.

Segundo Guedes (1981): “A aprendizagem só é reconhecida e aceita quando o estudante percebe a importância do conteúdo informativo para seus próprios objetivos, pois uma pessoa só aprende significativamente os fatos e as informações que percebem ligados à manutenção e desenvolvimento do “eu”.”

Nessa perspectiva é que compreendemos as dificuldades das classes populares em assimilarem a ideologia subjacente aos textos apresentados para leitura. Toda aprendizagem deve ensinar a transformação de experiências vividas, assegurando ao aprendiz maiores oportunidades de desempenho social, tornando-o cada vez mais flexível às necessidades de mudanças e de novas aprendizagens. Entretanto, o estudante só perceberá o significado de

uma aprendizagem na medida em que for capaz de relacioná-la à realidade, incorporando-a como experiência positiva, realçando o desenvolvimento das potencialidades e impulsionando-o para uma ação criativa com criticidade.

Assim, a leitura mesmo assumindo configurações diferenciadas com a evolução dos tempos, ainda permanece instrumentalizando a formação intelectual do aprendiz porque é a base do saber pensar.

No referente contexto, entende por leitura toda manifestação linguística que uma pessoa realiza para recuperar um pensamento formulado por outra e colocar em forma de escrita.

Dessa forma, uma leitura pode ser ouvida, vista ou falada. Um texto escrito pode ser decifrado e decodificado por alguém que traduz o escrito numa realização de fala. Sendo assim, *“o primeiro contato das crianças com a leitura se dá através da leitura auditiva”*.

Desse modo, ponderar o valor da leitura no processo ensino aprendizagem de uma criança é inesquecível, a atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura.

Neste sentido, é visível, que é mais importante saber ler do que escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura.

Cagliari (2003) afirma que:

Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor. (CAGLIARI, p. 148).

Dessa forma, pode se afirmar que, a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se aprende na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. Assim, a leitura é uma herança maior do que qualquer diploma. As quatro habilidades da linguagem verbal são: a leitura, a escrita, a fala e a escuta:

Destas, a leitura é a habilidade linguística mais difícil e complexa. A leitura é um dos processos de aquisição da Leco escrita e, como tal, compreendem duas operações fundamentais: a decodificação e a compreensão.

Leitura

Sabendo que, a leitura é a habilidade linguística verbal mais difícil e complexa entre as que representam seu processo de aquisição. Neste sentido, pode-se perceber que a maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos de estudo, permanece até a pós-graduação, é decorrente de problemas de leitura. Desse modo, o aluno não resolve problemas de matemática, etc. Porque não saiba matemática, porque não sabem ler o enunciado do problema.

Sendo assim, o aluno tem dificuldades em correlacionar como os números à realidade que referem o entendimento do português que lê. Neste sentido, não aprenderam a fazer as relações quantitativas. Desse modo, o professor de português não ensina esta questão porque não é sua obrigação, o de matemática não a ensina porque a obrigação é do professor de português, assim, sucessivamente. Mas a escola cobra que ela saiba e se transforme com perfeição e rapidez.

Portanto, se a leitura é nas suas essências uma atividade individual, a escola não pode torna um mero pretexto para avaliar outros elementos, como pronúncia, rapidez de decifração etc..

Desse modo, ao escrever, escolhem-se elementos do conjunto que constrói o sistema da língua. Por isso, toda leitura deve se feita não só sintomaticamente, como paradigmaticamente.

Segundo Cagliari L. (2003):

Uma leitura sintagmática é aquela em que o leitor acompanha palavras por palavras, numa certa ordem, adquirindo, em geral, apenas um significado literal de leitura. Já a leitura paradigmática faz o leitor não só descobrir o significado literal das palavras e expressões, à medida que vai lendo, mas traz para esse significado os conhecimentos adicionais, oriundos de seus modos pessoais de interpretar o que leu, tendo em vista à sua história como leitor e falante de uma língua. (p. 152).

Nestas condições, um texto nem sempre é montado sintomaticamente, apesar da aparência linear das letras e das palavras. Sendo assim, ensinar as crianças a ler no seu próprio dialeto é fundamental para formar bons leitores.

Neste contexto, uma pessoa que aprende o uso instrumental de uma língua estrangeira através da leitura aprenderá em tempo curto a decifrar textos sem problemas de linguagem,

mas na vida perderão muito tempo “lendo” do que uma pessoa que prefere aprender a língua propriamente dita e depois ser bom leitor.

Assim, a habilidade como falante é decisiva para uma boa leitura e indispensável para uma leitura mais rápida sem comprometer a compreensão. Um leitor que não é falante assume estratégias perante a língua diferente do que faz um falante.

Sendo assim, os primeiros contatos das crianças com a leitura ocorrem desse modo. Os adultos “leem” história para elas. Estimula as mesmas a ter contato mais freqüentes com os textos, adquirir o hábito pela leitura facilitando seu desenvolvimento e proporcionando melhores desempenhos escolares.

Desse modo, quando o aluno não atinge sua meta nas provas, depois de terem estudado bastante, de saberem a matéria como deveriam justamente porque não entendem, ou entendem equivocado o que é perguntado! Uma coisa é estudar matéria, outra coisa é saber responder a pergunta que a escola faz a respeito daquele assunto.

Neste contexto, a leitura não pode ficar restrito á literatura e ao noticiário. Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, cultural, ideológicos, filosóficos, mais fonéticos. Assim, ler sequências de números de maneiras diferentes, dependendo do que se referem. Percebe-se que, os números não são feitos apenas de algarismo. Existem combinações de algarismo expressa por si, na realidade matemáticas que tem propriedades específicas. É preciso ensinar também o português que a matemática usa.

Tudo o que a escola ensina está diretamente liga á leitura e depende dela para se manter e se desenvolver. A leitura é a realização do objeto da escrita.

Cagliari (2003); ‘Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita, como já disse inúmeras vezes, é a leitura. A leitura vai operar justamente nesse universo. Ler é um processo de descoberta, como a busca do saber científico. (p. 149)

A leitura pode também ser superficial, sem pretensões, uma atividade lúdica, como um jogo de bola em que os participantes jamais se preocupam com a lei da gravidade, a cinética e a balística, mas nem por isso deixam de jogar bola com gosto e perfeição. Como se observa, podemos ter várias atitudes perante a leitura. Ela é uma atividade

Profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem uma mesma leitura de um mesmo texto, mesmo científico. Já escrita, é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão.

Cagliari (2003) afirma que:

A escola que não lê está fadada ao insucesso, e não sabe aproveitar o melhor que tem para oferecer aos seus alunos. Há um dito popular que diz que a leitura é o alimento da alma. Nada mais verdadeira. As pessoas que não leem são pessoas vazias ou subnutridas de conhecimento. (p.150).

Sendo assim, a experiência de vida não se reduz á leitura. A vida como tal é a grande mestra. As pessoas analfabetas conseguem ás vezes, sair bem economicamente mais nem por isso deixa de serem pessoas vazias. Têm as riquezas externas, sabem se contornar na sociedade, mas é pobre culturalmente, a sua experiência de vida, por mais rica que seja não é suficiente para fornecer uma cultura sólida e significativa.

Desse modo, a leitura que descrevo particular é a leitura linguista, baseada na escrita, reveladora de uma interpretação que o leitor faz da interpretação que o escritor fez de cada “leitura do mundo”.

Portanto, a leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. Assim, o leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opiniões a respeito do que leu.

Para Cagliari (2003)

A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como sem a decodificação e demais componentes diferentes à interpretação, se torna estéril e sem grande interesse. A leitura uma atividade estritamente lingüística e a linguagem se mostram com a fusão de significados com significantes. É falso dizer que se pode ler só pelo significado ou só significante, porque só um ou outro jamais constituem uma lingüística. (Pp. 150 - 151)

Neste contexto, os signos lingüísticos atuam pela convencional idade social. A escrita atua pela convencional idade da representação gráfica dos signos, e a leitura também tem a sua convencional idade guiada não só pelos elementos lingüísticos mais ainda pelos elementos culturais, ideológicos, filosóficos etc..., do leitor. Para falante de uma mesma língua.

Neste sentido, é imprescindível destacar a importância da leitura em nossa vida, a necessidade de se cultivar o hábito de leitura entre crianças e jovens, bem como o papel da escola na formação de leitores competentes, são questões freqüentemente discutidas. No bojo dessa discussão, destacam-se questões como: O que é ler? Para que ler? Como ler? Essas

perguntas poderão ser respondidas de diferentes modos. E as respostas dependerão dos seguintes pontos de vista.

A língua como representação do pensamento. Neste sentido a leitura é entendida como a atividade de captação das ideias sem se levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor.

Desse modo, a Língua como estrutura ou como código. Nesta concepção, o texto é visto como simples produto de codificação e decodificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código utilizado Língua como interação autor-texto-leitor. Os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente- se constroem e são construídos no texto.

Nessa perspectiva, a leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor; e exige do leitor bem mais que o conhecimento do código lingüístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.

Koch e Elias (2006). Expõem a concepção de leitura como uma atividade de produção de sentido. Dialogando com um trecho extraído dos PCNs de Língua Inglesa e Língua Portuguesa, ela é construtora de sentido, na atividade de leitura, utilizando, para tanto, de estratégias de leitura como a seleção, antecipação, inferência e a verificação. As estratégias com fator importantes para o ensino de leitura. (p.13).

Segundo Solé (1998). Desse leitor, espera-se que processe, critique, contradiga, ou avalie a informação que tem diante de si, que a desfrute ou a rechace, que dê sentido e significado ao que lê. (p.21)

Desse modo, os leitores ativos, estabelecem relações, fazem inferências, comparações, formula hipóteses e perguntas relacionadas ao conteúdo. Sendo assim, destacam as constantes interações entre o conteúdo do texto e o leitor, é regulado pela intenção com que se lê o texto. Nesse contexto, os objetivos da leitura serão como um norte para o modo de ler os textos.

Durante o processo de leitura, o leitor desempenha papel ativo, sendo as inferências um relevante processo cognitivo nesta atividade. A capacidade central do ser humano de dar direção às coisas do mundo permite ao indivíduo fazer sentido do que ouve ou lê indo muito além do que está explícito ou prontamente acessível, pois o sentido não reside apenas no texto, mas depende sempre de um interpretador, a saber, o leitor.

Por essa razão fala-se de um sentido para o texto, não do sentido restrito, sim, ativa-se:

lugar social, vivências, relações com o outro, valores da comunidade e conhecimentos textuais.

Dessa forma, o significado não está embutido ou inscrito totalmente no texto oral ou escrito. Embora o texto carregue um sentido pretendido pelo autor, ele é polissêmico e, como tal, oferece possibilidades de ser reconstruído a partir do universo de sentidos do receptor, que lhe atribui coerência através de uma negociação de significados.

Na leitura, entendida como um encontro à distância entre leitor e autor via texto, ambos se constituem e são constituídos através desse encontro e confronto de significados gerados em interação do mundo. Na interação que mantém com o autor, via texto, o leitor, ao compreendê-lo, vai modificando, ajustando e ampliando as suas concepções, as quais exercem um impacto sobre a sua percepção. O mundo transforma-se aos olhos do sujeito quando este é transformado.

Assim, ao atribuir sentido ao texto, o indivíduo o constitui, transformando-o em algo novo e diferenciado e atribuindo vida ao texto, sendo o seu significado modificado com as várias leituras por ele realizadas.

Entretanto, o leitor tem liberdade para construir sentidos, mas ele é limitado pelos significados trazidos pelo texto e pelas suas condições de uso. O texto é gerado a partir dos significados atribuídos pelo autor quando em interação com o mundo de significação é rico textualizado pelo leitor, que busca atribuir-lhe significado a partir da relação que mantém com o seu próprio mundo e com o autor, o qual delimita as possibilidades de construção de novos significados.

Funções da Leitura

Ao analisarmos que todo o contexto tem suas funções específicas a decodificação é base para a compreensão e esta atende às finalidades leitoras. Assim, são três os verbos que definem as funções essenciais da leitura: a) transformar, b) compreender e c) julgar Allende (1987).

Transformar, em leitura, é dá-se quando o leitor converte a linguagem escrita em linguagem oral. Ler, portanto, é decodificar a língua escrita, acessar ao código escrito, mas em

função de uma exposição oral, expor ou dizer o que compreende verbalmente, particularmente na língua oral. Quando este acesso falha, falamos, pois, em dislexia.

Compreender é quando o leitor consegue captar ou dá sentido ao conteúdo da mensagem. Uma mensagem pode ser traduzida por muitas interpretações, sentidos plurais. Todo texto, especialmente no campo da literatura e das artes e das linguagens apelativas (mídia, por exemplo), traz na sua imanência a polissemia, a interpretação plural.

Julgar é capacidade que o leitor tem de analisar o valor da mensagem no contexto social. O juízo de valor faz parte da formação de valores do leitor.

Desse modo, lê uma obra é encontrar sentido mesmo que a mesma não traga sentido nenhum para o mundo de referências do leitor. Abandonar uma leitura de uma obra nas primeiras páginas pode sinalizar fadiga ou exaustão do leitor inexperiente, mas, se hábil, pode ser explicado por um procedimento de abandono intencional, por um julgamento crítico do leitor.

Sendo assim, a decodificar é a capacidade que temos como escritores, leitores ou aprendizes de uma língua para identificarmos um signo gráfico por um nome ou por um som. Esta capacidade ou competência linguística consiste no reconhecimento das letras gráficas e na tradução dos mesmos para a linguagem oral ou para outro sistema de signo. A aprendizagem da decodificação é através de conhecer o alfabeto e da leitura oral ou transcrição de um texto.

Portanto, conhecer o alfabeto não significa apenas o reconhecimento das letras, e sim, entendermos a evolução da escrita como: a pictográfica (desenho figurativo), a ideografia (representação de ideias sem indicação dos sons das palavras) e a fonográfica (representação dos sons das palavras).

Toda palavra tem uma origem, uma motivação e, a rigor, não é absolutamente arbitrária como quis dizer, Ferdinand de Saussure, em seu Curso de Linguística geral. Afirma Aliende (1987):

“A compreensão é a captação do sentido ou conteúdo das mensagens escritas. Sua aprendizagem se dá através do domínio progressivo de textos escritos cada vez mais complexos”(p.27).

Portanto, a leitura envolve a integração de múltiplos fatores relacionados à experiência do indivíduo, habilidades e funcionamento neurológico. O ato de ler compreende desde a decodificação dos símbolos gráficos até a análise reflexiva de seu conteúdo.

A compreensão de um texto não se resume à capacidade de memória, mas à capacidade de inferir fatos que não são apresentados explicitamente no texto.

Desse modo, a compreensão em leitura implica a criação de representação mental coerente do texto. Entretanto, a criação da estrutura mental pode ser prejudicada por inúmeros aspectos, como a falta de conhecimento prévio sobre o assunto do texto e a falta de familiaridade com o código escrito.

Entretanto, mesmo que o leitor tenha familiaridade com o código escrito, mesmo que conheça o gênero textual, que possua conhecimento prévio sobre o assunto, ainda assim a compreensão não está garantida completamente.

É necessário que o leitor tenha atitude ativa de cooperação para a construção da estrutura, a fim de que seja capaz de fazer as devidas inferências, de identificar ironias e, principalmente, de aprender através da leitura.

Neste contexto, pelo que vimos, não seria possível, somente por meio dos livros, alcançarem um bom desenvolvimento do pensamento do leitor e assim, garantir condições para mobilidade social do aluno. Para que haja êxito no processo de formação de leitor, o educador deve ter clareza de sua metodologia com a literatura infantil em sala de aula, despertar questionamentos e promover a construção de novos significados.

Segundo Almeida (2008). “A leitura se faz a partir um espectro múltiplo: homem, ação social e o conhecimento. Se a leitura for individual, solitária, ela se torna inócua. Quando pensamos e refletimos, pensamos a partir de uma realidade específica”. (p.22).

No entanto, entendemos que, para ler e escrever é preciso, antes de tudo, que a criança seja alfabetizada. Assim, a escola é a instituição historicamente responsável para cumprir a tarefa de alfabetizar em nossa sociedade.

Lembrando que, geralmente, os primeiros textos de leitura que as crianças entram em contato após vencer as cartilhas, são os textos dos livros didáticos, especialmente designados nas aulas de Língua Portuguesa e conseqüentemente outras disciplinas de língua estrangeira correspondentes ao currículo.

Dessa forma, é comum encontrarmos nos livros didáticos, bons textos seguidos de maus exercícios, ou quando não, depararmos-nos com conteúdo de um texto geralmente fragmento ou adaptado, utilizado como pretexto para atividades de gramática e redação, ocupando, assim, todo o tempo do aluno em desenvolvimento de atividades. Não garantindo com isso, o desenvolvimento de uma leitura crítica e transformadora.

Leitura e Produção Textual.

Quando pensamos em leitura, logo imaginamos um conjunto de produções escritas em papel publicadas em livros, jornais ou revistas. Mas não são somente nestes que encontramos textos escritos. Lidamos com a leitura o tempo todo, já que fazemos parte de uma sociedade grafo Centrica, em que a escrita é parte constitutiva das mais diversas atividades do nosso dia-dia. Eis a importância de refletimos sobre a declaração de Freire (1997) dizendo que: *“a leitura do mundo acontece antes da leitura da palavra e que a leitura boa é aquela que conduz ao mundo que nos interessa viver”*.

Corsino, (2003, p.12) Afirma que: Os indivíduos que ainda não adquiriram habilidade de ler os códigos criados para representar a escrita, já trazem consigo a possibilidade de ler o mundo que rodeia através de suas vivências, contatos que mantém diariamente, os textos produzidos pelos meios de comunicações, no momento que ouve, quanto no momento que visualiza as imagens: internalizando-as.

Deve vê assim chegar ao ponto de reconhecer em seu ambiente os diversos tipos de objetos ou matérias que aparecem em propagandas, sabendo diferenciar o que vem a ser uma bula de remédio, um rótulo de qualquer embalagem, placa de sinalização ou nomes de estabelecimento.

Santos (1993). Afirma que:

A leitura é umas necessidades básicas na vida de todos os indivíduos, pois é por meio dela que muitas vezes nos comunicamos sobre variados assuntos recebendo e emitindo informações diversas como em: cartas, livros, revistas, jornais, internet, prospectos e uma quantidade imensa de impressos que nos chega às mãos. (P.21).

Entretanto, esta arte é praticada somente por uma minoria, mesmo aqueles que não deveriam ter a leitura como alimento rico em nutrientes para desenvolver suas capacidades intelectuais, assim, melhorar a linguagem oral e escrita são negligente seguido a lei do menor empenho. Diante da afirmação de (Goethe Apud Santos 1990) mostrando humildade quando diz: entre todas as artes, a mais difícil é aprender a ler. *“Há 80 anos dedico-me a leitura e ainda não creio ser suficiente”*.

Graciliano R. Apud Galvão e Batista (1999). Comenta que as aulas continuam a ser horas de tortura e aborrecimento para muitos alunos. Associando-a como uma obrigação ou algo desagradável.

Ao contrário dessa associação, a leitura é uma forma de entretenimento, de lazer ou meio de aprendizagem, em qualquer área, mantendo-nos informados e atualizados sobre os assuntos do cotidiano. Segundo Libâneo, C. (1994):

“O domínio da leitura e da escrita é a base necessária para que os alunos aprendam a expressar suas ideias e sentimentos, a perfeições continuamente suas possibilidades cognitivas, ganha maior compreensão da realidade social”.(p.43).

É um meio de estimularmos nossa imaginação, o raciocínio critica a compreensão, a criatividade, a comunicação. Amplia a cultura das pessoas, abre seus horizontes para novas viagens virtuais e concretas, e as torna mais aptas a lutar pela vida, crescer e compreender o mundo. Nessa conquista as pessoas não aprendem os dados que já existem no mundo, mas constrói novos dados e até novas realidades para melhor esclarecer argumenta-se.

Ainda Libâneo, C. (1994):

A alfabetização bem construída instrumentalizar os alunos a agirem socialmente, a lidarem com, as situações e desafios concretos da vida prática: é meio indispensável, da assimilação consciente e ativa de conhecimento e habilidades, meio de conquista das liberdades intelectuais e política. (p.43).

Dessa forma, a orientação adequada do professor determina ao progresso no diz respeito á assimilação cognitiva das normas estabelecida para a aquisição da leitura e escrita. Soligo (1999).Elucida que:

Ninguém se banha duas vezes no mesmo rio, pois suas águas estão em constantes mudanças. O texto também ganha nova compreensão a cada leitura, porque o leitor coloca nela sua vivência, sua sensibilidade, sua visão particular do mundo e sua opinião naquele momento. (p.40)

Neste sentido, trabalhar com leitura na escola é estar pronto para perceber o rio renovando suas águas dia a após dia, pois os textos são fontes de novo aprendizado que não se esgotam jamais.

Processo da Leitura

A partir de materiais consultados compreendeu-se que o processo de leitura inicia antes mesmo da criança ou o adulto entrar em contato com o ambiente escolar, pois este já traz consigo mesmo um princípio ou uma ideia básica a partir de sua vivência do que vem a

ser leitura, isto é já existe em sua cabeça algo formados concernentes á leitura capaz de fazer alguma relação com os códigos utilizados para representar à escrita:

Segundo Corsino (2003):

Mesmo aquele que não sabem ler e escrever convive com uma série de textos impressos em diferentes objetivos e lugares (...) tornando-se capas de perceber as características linguísticas e visuais, aprendizagem da linguagem escrita embora tenha inicio fora da escola encontra nela lugar de sistematização e ampliação. (Pp.34-37).

Ainda Corsino, (2003). Para melhor mencionarmos antes de o sujeito ler e escrever de maneira convencional fundamentou-se no resultado das pesquisas de Ferreiro Teberosky (2008) que os indivíduos passam por três momentos até chegarem à alfabetização propriamente dita. (p.40). Como:

- 1) Pensar em nas características que um texto escrito deve ter para o significado, mas ainda não relacionam ao som da fala com a palavra escrita;
- 2) Descobrir que existe uma relação entre som e a escrita inicialmente, essa relação é silábica.
- 3) Descobrir que a sílaba é constituído por letras, ora escrevendo a sílaba, hora no período alfabético, reconhecendo a correspondência de uma letra para cada som. (p.40).

Neste contexto, perceber nitidamente que as oportunidades de leitura são bem mais amplas, isto é, são de fácil acesso, portanto temos o privilégio de lermos os mais variados assuntos e ficarmos informados sobre o que acontece no mundo.

Entretanto atingimos a antiga forma, em voz alta é que está intrinsecamente ligada à simples memorização do texto, que fim dá lugar a uma nova introdução a da leitura silenciosa e rápida visando á busca do significado.

Porém essa chamada “evolução” não acabou a todos porque essas séries de mudanças e transformações ficam claro que muitas práticas escolares são desenvolvidas com resquícios no passado com o intuito de ofertar leitura para a mera formação de leitores.

Na verdade a leitura prazerosa permanece muita além da realidade das escolas pelo fato de que as escolas ainda não adotaram em suas práticas o prazer pela leitura e como isso contribuiu significativamente para a aprendizagem dos alunos.

Soligo (1999) a compreensão da leitura depende muito da relação entre os olhos e o cérebro, ou seja, os olhos passam informações ao visualizarem as palavras do texto para o cérebro, as palavras do texto que por sua vez busca compreender tais informações.

Então o que os olhos conseguem perceber depende muito do conhecimento que já se tem acerca de um determinado assunto, pois é por meio deste conhecimento anterior que temos possibilidades de compreender com mais facilidade o que está escrito em um texto.

Para termos uma melhor compreensão do texto em que estamos lendo precisamos ter claro que há várias condições no processo de leitura.

Siligo (1999) citado anteriormente: “*o processo de leitura depende de várias condições: habilidade e o estilo pessoal do leitor, o objetivo da leitura, o nível de conhecimento prévio do assunto tratado e o nível de complexidade oferecido pelo texto*”. (P.53)

O que percebemos durante a análise de diversos materiais consultados é que a leitura é composta de processo em que o leitor os utiliza, quando está realizando sua leitura, pois: Siligo (1999), afirma:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado de texto a partir do que está buscando nele, do conhecimento que já possui a respeito do assunto, do autor e do que sabe sobre a língua-característica do gênero, do portador, do sistema de escrita... Ninguém pode extrair informações do texto escrito decodificando letra por letra, palavras por palavras. (p.56).

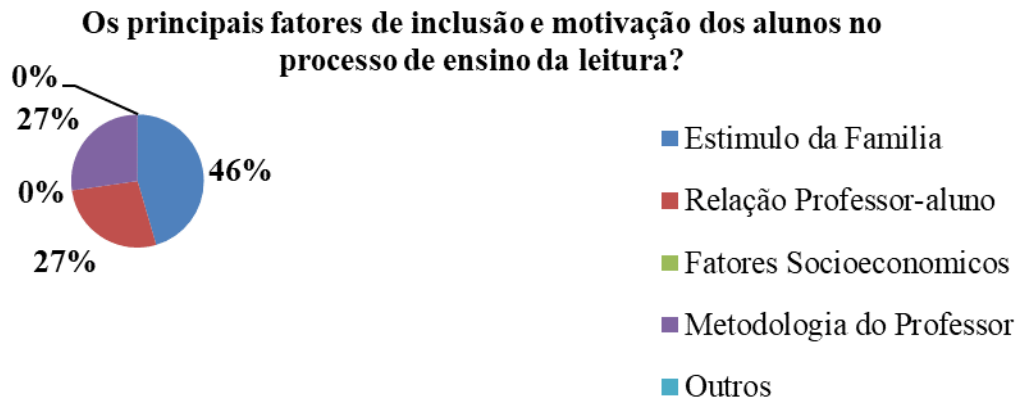
Por meio da interpretação do pensamento do autor. Ao reconhecermos o sentido de cada palavra notória de entender o conjunto delas porque através desse conjunto podemos compreender o real sentido do texto. Pois, esse agrupamento de palavras em frases que possibilitam ao autor transmitir suas ideias com sentido.

Por meio da compreensão do texto, então devemos fazer a interpretação geral de todas as frases para assim podemos chegar à compreensão do texto, isto é, conseguimos extrair a mensagem que está contida no texto.

É preciso desenvolver a capacidade de fixar as ideias em nossa mente, ou seja, conseguir mantê-la guardada em nossas cabeças para usarmos quando necessária. Por meio das reproduções das ideias, a reprodução ocorre a partir do momento em que conseguirmos dizer realmente a mensagem do texto.

Uma pesquisa sobre Estratégias Interdisciplinares de Ensino da Leitura: Um estudo inclusivo e motivacional através do esporte com alunos dos 4º e 5º anos da rede municipal de ensino em Baiao - Pará, Brasil de Mindelo e Gonzalez (2018), demonstraram os principais fatores motivacionais dos alunos, a saber:

Gráfico 1 - Os principais fatores de inclusão e motivação dos alunos



Fonte: Questionário aplicado aos Professores (2017)

No diz respeito o gráfico 1, do critérios analisados, 46% dos 84 docentes entrevistados, indicaram como fator motivacional o estímulo da família, e 27%, a relação professor e aluno e , 27% a metodologia do professor, como fatores determinantes para a motivação significativa do aprendiz. Nos outros indicadores não houve representatividade percentual.

Tendo em conta que o conceito de motivação é excessivamente fluido, dificilmente poderemos dar uma definição objetiva. Segundo: Singer (1984) refere que: É da responsabilidade da motivação a preferência (seleção) por qualquer atividade, a persistência nessa mesma atividade, a intensidade e vigor do rendimento e o caráter adequado do rendimento relativamente a determinados padrões.

Conclusões

A leitura parece ser a chave que abre as portas dos conhecimentos, em sentido amplo independentemente do tipo de textos, do dissertativo aos poéticos. Por isso, ela é fundamental. A escola precisa abraçar o compromisso de ensinar toda a população que frequenta a mesma, a ler e, ela deve ser usada na contribuição e formação do ser humano.

Neste sentido, fica demonstrada a importância da relação professor – aluno e o estímulo da família no processo ensino aprendizagem, no contexto da aprendizagem da leitura.

Portanto, é essencial que o professor e, os futuros professores, reflitam sobre suas responsabilidades, principalmente em relação aos alunos dos anos iniciais, sobre os quais, a influência do professor é maior e determinante.

Desse modo, o professor precisa estar preparado para a situação de comunicação do ensino, para que promova o envolvimento do aluno com as habilidades e recursos pessoais a serem adquiridos. Dessa forma, o objeto estudado torna-se mais familiar ao aluno, enquanto sujeito da linguagem, tornando-se cada vez mais seguro no momento de formular seus próprios discursos, com maior consciência do conhecimento que possui.

Portanto, concluiu-se que o ensino da leitura através, das estratégias interdisciplinares, motivará e oportunizará melhores desempenhos futuros aos alunos e ao processo ensino-aprendizagem como um todo.

É importante que se observe a necessidade de se prosseguir com outros estudos semelhantes, no âmbito de pesquisas acadêmicas que também enfoquem outros aspectos relacionados a aquisição da leitura e da escrita, inclusive em outros níveis. No entanto, os resultados deste estudo, ainda oferecem margem para aprofundamento e ampliação das discussões aqui postas.

Referências

ALLIENDE, F. e CONDEMARÍN, M. *Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Tradução de José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ALMEIDA, G. P. de. *Práticas de leituras*: Curitiba: Pró-Infantil, 2008.

BATISTA, A. A. G. *Os professores são “Não leitores”?* In: Marinha, M. (org). *Leitura do professor* Campinas, SP: Mercado de Letras. P. 23-78, 1999.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: Língua Estrangeira*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. *PCNs. Ensino Médio*. Ministério da Educação. Brasília, 1999.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*: 10ª Ed., Scipione, 2003.

CORSINO, P. *Relação família-escola na Educação Infantil*. Ed. Cortez, algumas reflexões, 2003.

FERREIRA, M. *Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas*. Psicologia, Educação e Cultura, 2009.

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: ArtMed, 2008.

FERREIRO, E. Reflexões Sobre Alfabetização. São Paulo: Cortez. Fomento – Cooperativa de Centros de Ensino, CRL. Fomento, Colégios, (sem ano). *Guia para Pais – Projeto Optimist*. Lisboa: Edições, 1985.

FREIRE, P. *Ler palavras, ler o mundo*. São Paulo: Edições Cortez, 1996.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à prática Educativa. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUEDES, S. P. Educação, pessoa e liberdade: propostas rogerianas para uma práxis psicopedagógica centrada no aluno. São Paulo: Mdraes, 1981.

KOCH, I. V. O. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2002.

LEFFA, V. J. Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra, 1996.

LIBÂNEO, J. C. Didática. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MARTINS, M. H. O que é leitura. 19. Ed. São Paulo: Brasiliense. (Coleção: Primeira Passos: 74), 1994.

MINDELO, Laudeci Medeiros e GONZALEZ, José Antonio Torres. Estratégias Interdisciplinares de Ensino da Leitura: Um estudo inclusivo e motivacional através do esporte com alunos dos 4º e 5º anos da rede municipal de ensino em baiao - Pará, Brasil. *Tese doutoral*. Universidad Autónoma de Asunción. Facultad Doctorado en Ciencias de la Educación, 2018.

SANTOS G., I. Análisis contrastivo, Análisis de errores e Interlengua en el marco de la Lingüística Contrastiva. Síntesis, Madrid, 1993.

SOLÉ, I. Estratégias de Leitura. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOLIGO, R. Letramento-e-alfabetização. In: “Alguns desafios de la educación el umbral del nuevo milenio”, III Seminário para Altos Directivos de las Administraciones Educativas de los países Iberoamericanos em Havana, junho, 1999.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1987.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

MINDELO, Laudeci Medeiros; GONZALEZ, José Antonio Torres. Estratégias Interdisciplinares de Ensino da Leitura. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, 2019, vol.13, n.46, p. 914-937. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 17/07/2019;

Aceito: 26/07/2019.